John Dewey, um comunista na Escola Nova brasileira: a versão dos católicos na década de 1930[1]

Marcus Vinicius da Cunha

Viviane da Costa

Resumo

Este artigo analisa o discurso referente a John Dewey e à Escola Nova publicado no periódico *A Ordem* (1930-1934), editado por intelectuais católicos brasileiros. O objetivo é discutir os argumentos dos autores em sua crítica ao pragmatismo deweyano e às proposições pedagógicas renovadoras.

Palavras-chave: Escola Nova – Pensamento Educacional Católico – Educação Brasileira (História).

Abstract

This article analyses the discourse about John Dewey and the New School published by the periodic *A Ordem* (1930-1934), edited by Brazilian catholic intellectuals. Its aim is to discuss the arguments against deweyan pragmatism and the new pedagogical purposes.

Keywords: New School – Catholic Educational Thinking – Brazilian Education (History).

[1] Este trabalho integra o projeto Filosofia e Ciência no Discurso Educacional Renovador (Brasil: 1930-1960), apoiado pelo CNPq (Bolsa Produtividade em Pesquisa) e pela FAPESP (Bolsa Iniciação Científica).

Introdução

O conflito entre católicos e liberais no campo da educação escolar teve longa duração, no Brasil, sendo que uma de suas primeiras manifestações deu-se no Império, quando Rui Barbosa apresentou uma proposta de reforma do ensino inspirada no ideário liberal (Valdemarin, 2000). Instituindo a separação entre Igreja e Estado, o evento da República polarizou decisivamente os intelectuais em torno da questão educacional, situação agravada em 1932 pelo Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova e sua proposta de escola pública laica, regida por princípios de obrigatoriedade, gratuidade e co-educação. O confronto foi apenas momentaneamente apaziguado pela Constituição de 1934 (Cury, 1988), ampliando-se sensivelmente nas décadas seguintes, atravessando os anos de 1940 (Horta, 1994) e inflamando os debates que levaram à aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 (Buffa, 1979).

No presente estudo, iremos nos limitar ao início dos anos de 1930, ocasião em que os católicos adotavam, estrategicamente, duas atitudes diante das propostas de renovação do ensino brasileiro: os mais conservadores atacavam frontalmente as novas concepções educacionais com o intuito de negá-las na totalidade, ao passo que os menos tradicionalistas buscavam absorver alguns daqueles princípios, dando-lhes feição mais condizente com os ensinamentos cristãos (Carvalho, 1993).[2] De modo geral, a pedagogia católica era vista como a única coincidente com o ideal educativo que o país necessitava.

Para os católicos da época, o movimento educacional renovador vinha conduzindo o país ao abismo por difundir idéias nefastas e perigosas. Guiados pelo cientificismo e pela aceitação do progresso desenfreado, os defensores da Escola Nova acabariam por levar a sociedade brasileira ao suicídio moral e biológico, num processo iniciado pela supressão do ensino religioso nas escolas, tema que estava em pauta nos primeiros anos da década de 1930. "Disfarçados ou não de liberalismo, seu ideal conduziria ao comunismo", pensavam os católicos (Cury, 1988, p. 153). Os posicionamentos escolanovistas estavam eivados de vícios e paixões, sendo que seu predomínio vinha induzindo aos extremismos da modernidade, com a fatal conseqüência de erguer o materialismo, incentivar a perseguição religiosa e, por fim, a total paganização da sociedade brasileira.

[2] Errerias (2000) mostra a articulação dessas duas estratégias no pensamento do intelectual católico Everardo Backheuser.

> A publicação do Manifesto foi o momento estratégico utilizado pelos católicos, que, percebendo no texto as frestas que deixavam entrever as oposições internas, passam ao ataque direto, acusando-o de documento "socialista e comunizante". (Cury, 1988, p. 23)

No entender dos católicos, a Igreja era a agência de educação por excelência, em virtude da ordem por ela recebida de Cristo e de sua missão voltada à espiritualização do homem. Somente a educação católica traçaria rumos seguros para a nação e a humanidade, por meio de ideais cristãos bem delineados. Na medida em que o escolanovismo foi identificado com o laicismo, e sendo este percebido como via preparatória do comunismo, incapaz de erguer o Estado de Direito em sintonia com a substância nacional, os defensores da Escola Nova foram considerados perniciosos, merecedores de total repúdio. Assim, a Igreja viu-se na obrigação de alertar contra os perigos do liberalismo.

Um dos pensadores católicos mais atuantes na época foi Tristão de Athayde, que assumiu a liderança do combate ao pensamento liberal-comunista mostrando a Escola Nova como inaceitável. Para ele, o escolanovismo ocasionado pela República vinha desfigurando o ensino brasileiro por não contemplar o verdadeiro ideal educativo – Deus. Na prática, o ideário da Escola Nova resultou

> num ensino sem finalidade, quantitativo, sem ordem nem efeito profundo, e sofrendo de um desprestígio crescente, que reformas sucessivas tentavam em vão impedir. E a tarefa era realmente vã, pois agiam apenas sobre os métodos e menos até do que isso, sobre simples disposição de materiais ou organização da estrutura exterior dos cursos, deixando totalmente de lado os dois outros elementos pedagógicos, isto é, o ente humano a formar e a finalidade a atingir. (Athayde, 1932c, p. 75)[3]

A crítica de Athayde estendia-se aos autores estrangeiros em que se baseavam os pensadores nacionais, e John Dewey era um deles. Sua pedagogia era desaconselhada por não conter princípios objetivos e ideais fixos que derivassem de uma concepção total da vida. Para o intelectual católico, Dewey não possuía uma ciência normativa das ações humanas, rejeitando toda a consideração pelo sobrenatural, pelo transcendente, pelo universal e fixo na vida. Sua ênfase desordenada na ação destruía o ideal de progresso e desdenhava os princípios fundamentais das coisas. Incapaz de reconhecer a necessidade de domínio do homem sobre si mesmo, o filósofo

[3] Esse escrito foi publicado também no livro *Debates Pedagógicos* (Athayde, 1931).

norte-americano cometia o equívoco de fundar sua ética no plano social. Em vez de subordinar o método e a realidade pedagógica a ideais humanos imutáveis, Dewey privilegiava o método e a situação momentânea como fundamentais no processo educacional.

Para os católicos, identificar o ideal pedagógico e distingui-lo das condições da realidade e dos meios instrucionais era condição prévia de ordem e harmonia, elementos necessários à ciência da educação. Athayde atribuía às "concepções deweyanas um caráter abjeto, aviltador do verdadeiro sentido da vida humana, supressor da esfera transcendental – fonte dos princípios morais a serem seguidos pelo homem" (Cunha, 1999, p. 89). Tais concepções tinham que ser fortemente combatidas, pensavam os intelectuais católicos conservadores, especialmente porque o professorado vinha sendo constantemente influenciado por tais idéias perniciosas. Fazia-se urgente retomar o controle do modo de pensar e agir dos professores.

Na época, a Igreja tomou várias iniciativas para difundir suas posições, como a organização de Congressos Eucarísticos, a criação da Liga Eleitoral Católica e, no campo escolar, as Associações de professores católicos (Dias, 1996). Ao lado dessas estratégias, variados tipos de impressos divulgavam suas idéias (Carvalho, 1993), incluindo livros e revistas para ensinar sua pedagogia e transmitir a crítica à Escola Nova e seus mentores. Enquanto os liberais veiculavam suas concepções por intermédio de periódicos mantidos por instituições públicas,[4] os católicos possuíam publicações próprias, como a *Revista Brasileira de Pedagogia* (Sgarbi, 1997), órgão da Confederação Católica Brasileira de Educação, e *A Ordem* (Dias, 1996), periódico de responsabilidade do Centro D. Vital, entidade criada em 1922 por Jackson de Figueiredo e que aglutinava intelectuais de feição mais conservadora.

O presente trabalho é baseado na análise de matérias publicadas na revista *A Ordem* entre 1930 e 1934, cujos autores comentavam a Escola Nova brasileira e, particularmente, a influência de John Dewey. Como será possível observar, as considerações de Tristão de Athayde, feitas no início do período enfocado, já traziam o essencial da argumentação católica. Neste estudo, será possível verificar a maneira como vários outros pensadores repercutiram aquele discurso crítico e, em especial, de que modo, naquele contexto, as idéias deweyanas puderam ser caracterizadas como adeptas do comunismo.

Analisar a caracterização de John Dewey como pensador comunista pode parecer, à primeira vista, um empreendimento desprovido de sentido, quase anedótico, uma vez que o pragmatismo do pensador estadunidense é

[4] Como os periódicos Escola Nova, Educação e Revista de Educação, do governo paulista, e Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, do governo federal.

sobejamente conhecido como integrante do ideário liberal. Ocorre tratar-se, porém, de um argumento notavelmente recorrente no discurso católico. Nos anos de 1950, quando vieram a público os debates em torno da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os católicos não hesitaram em reapresentar os escolanovistas brasileiros como comunistas, sendo novamente lembrado o nome de John Dewey como um dos supostos insufladores do movimento que contrariava os interesses das escolas confessionais (Buffa, 1979).

A persistência do argumento, ao longo do tempo, revela a força desse recurso discursivo, o qual procuraremos aqui compreender, a começar por situá-lo na esfera da crítica católica à situação do país e da educação em geral. Vale destacar que as reflexões feitas neste trabalho dizem respeito exclusivamente às fontes consultadas, pois uma compreensão mais ampla do pensamento católico brasileiro teria que levar em conta as razões de outros autores, particularmente aqueles de feição menos conservadora, veiculados por diversos meios de informação.

O país e a educação

Para os católicos, a República brasileira representava a encarnação de todos os males da sociedade moderna, uma triste aventura política iniciada décadas atrás (Nogueira, 1930). Os graves problemas da atualidade, como as guerras e revoluções, tinham origem no ateísmo largamente vangloriado pelo regime republicano:

> se a República se afoga em sangue é que esqueceu por quarenta anos a norma fundamental (lei de Cristo) da vida de um povo, como da vida de cada homem. E o único meio de salvar a terra de uma engrenagem diabólica de revoluções sucessivas e de um desmembramento será restaurar Jesus na consciência dos brasileiros e nas leis do Brasil. (Athayde, 1930, p. 102)

A causa dos males republicanos era atribuída ao laicismo assumido pelo Estado brasileiro a partir de então (Pinto, 1930; 1931), pois o novo regime trouxera o vírus herético do liberalismo dogmático, o erro doutrinário da separação entre Igreja e Estado (Cannavieiras, 1931) e a aceitação da filosofia moderna, o que acabaria por transformar o Brasil num país *Yankee* (Fortes, 1931).

> O homem, à luz dos princípios filosóficos errados que numa rajada destruidora lhe desordenaram todos os conhecimentos,

> concentrou no Estado o princípio e o fim de todo o poder, esquecido de que o poder espiritual condiciona o temporal. (Hargreaves, 1932, p. 349)

Frente ao avanço desenfreado da modernidade, a Igreja tinha o dever de trabalhar contra a República, atuando para que o Estado e seus governantes voltassem às verdadeiras raízes da nacionalidade (Athayde, 1930). A solução para evitar a continuada queda da nação no abismo da demagogia liberal consistia em adotar uma firme política católica, abandonando para sempre as concepções laicistas (Oliveira, 1932).

Para recristianizar o país, os católicos vinham tomando várias iniciativas, conforme noticiado pela revista *A Ordem*. Para aumentar a influência do pensamento cristão junto à opinião pública, criaram a Liga Eleitoral Católica (O PLEITO DE 3 DE MAIO, 1933), mas era preciso ir além disso, estendendo o combate ao campo da educação escolar, no qual seriam discutidas as ideologias veiculadas na formação de crianças e jovens. Nesse terreno, questões morais e filosóficas deviam ser trabalhadas juntamente com os problemas relativos ao descaminho político do país.

Os católicos estavam cientes de que seria impossível influir nas políticas governamentais, cristianizando a nação e o Estado, sem ao menos possuir uma elite católica realmente preparada e em condições de pôr em movimento as grandes massas eleitoras em torno dos ideais cristãos (DEVER CULTURAL, 1932). Para a Igreja, então, era imperativo exercer um trabalho de conscientização de sua elite, para que o liberalismo dos pensadores modernos fosse rechaçado, negado e anulado. Nesse empenho, a escola faria o papel de veículo transmissor de princípios reformistas oriundos da Igreja.

> A escola é apenas uma função de vida e nem a principal. Deve ela colaborar dentro dos limites próprios, na reforma econômica e ética da sociedade. Mas como o princípio do saneamento moral e econômico está na recristianização duma sociedade que se paganizou, conclui-se não ser a escola, mas sim a Igreja, a principal reformadora da vida moderna. (Van Acker, 1933c, p. 724)

Para assegurar um professorado crente nos dogmas cristãos, os católicos instalaram a Associação de Professores Católicos, transformada posteriormente em Confederação Católica Brasileira de Educação, instituição que buscava capacitar os educadores a fazerem frente ao oficialismo pedagógico dos renovadores da educação nacional (RAZÃO DE INQUIETAÇÃO E DE ESPERANÇA, 1934). Criaram também o Instituto Católico de Ensino Superior, no intuito de difundir a crença de que a ordem

e a plenitude só voltariam ao plano natural dos conhecimentos quando a metafísica exercesse papel orientador de todas as formas de ciência (Athayde, 1932a).

Os católicos acreditavam que

> as conseqüências do liberalismo maçônico da Constituição estiveram presentes renegando a Deus, proibindo o ensino religioso, desprestigiando o matrimônio cristão. Quarenta anos de República Leiga se afundaram na mais vergonhosa decadência moral. (Mendes, 1932, p. 44)

As conseqüências do laicismo eram, para eles, por demais evidentes, pois a República "tem sido até hoje o mais fragoroso descalabro pedagógico. Como é possível exigir de uma nação que se governe, quando ela mesma corrompe a sua mocidade pela desordem do ensino, pelas reformas que não se cumprem?" (Athayde, 1932b, p. 419).

A grande desordem social e política do mundo moderno não passava de um reflexo da desordem provocada pelo espírito laico (Souza, 1932), o qual implicava crescente abandono das coisas espirituais. A civilização moderna tornou a vida mais confortável, as cidades mais luxuosas e as exigências morais, conseqüentemente, menos rigorosas (Athayde, 1933). À Igreja, responsável pela formação moral do cidadão, cabia lutar para restaurar o ensino religioso nas escolas públicas (Pinto, 1931). Aos católicos competia combater a anarquia contemporânea de idéias derivadas da nova coordenação das forças ideológicas anticristãs (NORTE-SUL, 1932).

A marcante ênfase dos renovadores na remodelação do ensino primário nada acrescentou à situação vivida nos tempos do Império: os dados estatísticos sobre o ensino no período republicano não se alteraram significativamente, se comparados ao regime monárquico; os livros didáticos de instrução primária e secundária, com seus novos métodos de exposição, deixavam muito a desejar, quer pelos assuntos que tratavam, quer pela linguagem incorreta ou pedantesca que utilizavam (Campos, 1932). Embora os católicos aludissem a questões de natureza técnica como essas, em *A Ordem* o principal problema apontado era, de fato, moral e espiritual. O combate devia dar-se contra a "moderna filosofia", dissolvida "em sistemas antinômicos e absurdos", no intuito de provar que "não é o livre pensamento, revoltado contra Deus, que triunfará" (Celso, 1932, p. 338).

> A escola laica é, perante a sinceridade, uma mentira; ante a República, um descrédito; ante a pedagogia, uma inumanidade; ante a educação, ineducação e antieducação; ante a liberdade, libertinismo; ante a moral, imoralidade por princípio; ante o amor, o ódio; ante a natureza, sua negação; ante a lógica, a ruína

> universal; ante a Sociologia, escola de negações. (ESCOLA LAICA E SUAS DEFINIÇÕES, 1933, p. 465)

Somente a pedagogia católica poderia salvar a sociedade brasileira, cada vez mais materialista, individualista e afastada de Deus. O único meio para a conquista da verdadeira democracia era uma educação que integrasse a consciência do cidadão à doutrina do respeito à autoridade, da obediência à lei, do respeito com justiça (SEMEADORES DE VENTO, 1933, p. 79).

> A escola neutra, pregadora da harmonia educacional, destruiu as relações entre mestres e discípulos, lesou os direitos dos pais, dos filhos e da Igreja, tornando-se inútil e estéril para o próprio Estado e para a sociedade. Em lugar de cultivar nos jovens os sentimentos de virtude, amor de Deus, piedade filial, amor a Pátria, a escola neutra transformou-se em seminário de descrença e de dissolução moral. Dessa forma, o Estado nem sequer conseguiu formar cidadãos perfeitos, dignos e cumpridores de seus deveres. (Anísio, 1933, p. 813)

A escola não devia resumir-se à comunicação de determinada soma de conhecimentos, mas abranger a formação do espírito, o desenvolvimento da personalidade, a preparação dos fundamentos morais. A invés disso, o que se via nas escolas renovadas era a divulgação de ideais que rejeitavam a intervenção de Cristo na criação do Universo, concepções opostas ao desenvolvimento da espiritualidade humana (Torres, 1933).

Fazia-se urgente, então, um combate decisivo contra as forças desagregadoras da nacionalidade e da humanidade:

> Nós estamos assistindo a um fim de civilização. E é indispensável que tomemos posições. A habilidade covarde dos que deixam correr os acontecimentos seria hoje a mais anticristã das atitudes. A hora não é das abstenções: quem não estiver declaradamente combatendo com a Verdade, estará contra ela. Na encruzilhada em que nos achamos, cruzam-se todas as estradas opostas: o cristianismo construtor e o individualismo anárquico. (Sá, 1934, p. 373)

Era preciso difundir, por diferentes formas, os conhecimentos sacros e os dogmas cristãos, cabendo à imprensa e à formação do professorado um papel decisivo nesse empreendimento (Sucupira, 1933). Fazia-se imprescindível ensinar ao povo o sentido da verdadeira ciência, apresentando as características modernas da Igreja católica – apesar de ser ela uma instituição de origens medievais.

Nessa jornada de combate, os piores inimigos da Igreja eram os pensadores liberais, tidos como imbuídos de preceitos comunistas. A profunda "cisão entre religião e filosofia, entre revelação e razão, entre os homens de fé e homens de pensamento resultou numa apostasia radical da inteligência russa e na conquista de um regime audacioso e sem escrúpulos como o bolchevista" (Athayde, 1932b, p. 146). O dever do homem espiritualista era renegar a ideologia materialista preparatória do comunismo (Carneiro, 1933), identificada nos educadores escolanovistas. Contra esses, todas as forças deviam ser empregadas, sem tréguas.

A Escola Nova e o comunismo

Segundo a concepção dos católicos de *A Ordem*, o movimento de renovação pedagógica, conhecido como Escola Nova, significava perigo iminente: subordinação do sobrenatural ao terreno, opressão da Igreja Católica, perseguições religiosas, imoralidade e domínio dos comunistas (Mattos, 1933). Sua influência resultaria na eliminação da verdadeira educação e na descristianização da humanidade (Van Acker, 1930), sendo correto lutar tenazmente pela restauração da verdadeira educação, aquela que tem Cristo como ideal.

Reagindo contra o que chamavam "empirismo dominante", os defensores da Escola Nova promoveram a transferência dos problemas escolares "do terreno administrativo para o plano político-social" (Van Acker, 1933a, p. 23), mas conseguiram apenas implantar um notável pedantismo pedagógico, mal que conduzia à crença de que nunca, em outros tempos, houve competência para educar as crianças para a vida (PEDANTISMO PEDAGÓGICO, 1933) – idéia que afrontava as históricas realizações da Igreja no campo educacional. No âmbito dos debates pedagógicos, apresentavam-se duas correntes opostas: "de um lado, havia os retrógrados, apegados ao fetichismo das fórmulas arcaicas, maníacos da laicidade integral do ensino, os liberais. De outro, os realistas e prudentes, os defensores católicos do Brasil" (MOBILIZEMO-NOS, 1932), a quem cabia fazer a crítica aos primeiros – a crítica mais radical e contundente possível.

Acima de tudo, a Escola Nova devia ser desprezada por pregar a laicização do ensino – princípio que, como já vimos, consolidou-se em 1932 no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Sua penetração no tecido social vinha conduzindo a burguesia ao suicídio (O SUICÍDIO DA BURGUESIA, 1931), uma vez que tornava os membros dessa classe, antes católica e crente nas forças sobrenaturais, extremamente materialistas e

individualistas. A burguesia brasileira caíra deslumbrada pela Constituição Republicana de 1891 e sua pregação do "laicismo individualista", mas a promessa de levar o Brasil a um regime de "ordem e progresso" resultou apenas em "desordem material e moral" (AGONIA BURGUESA, 1931, p. 132).

Para os católicos, a conseqüência mais devastadora da laicização do ensino pregada pelo movimento escolanovista era o comunismo, a marcha acelerada do país para a esquerda ou para o socialismo, e certamente a opressão das instituições católicas (Torrend, 1932). O Manifesto em que os renovadores apresentaram seus ideais sociais e educacionais era tido como um documento ideologicamente falso: os liberais procuraram apresentar propostas coerentes com os tempos modernos, particularmente com os ideais democráticos, mas o que fizeram, em última instância, foi propagar o comunismo, não a democracia (Van Acker, 1934a). Sua elaboração resultara da reunião de uma elite de educadores comunistas em torno de um "programa monstruoso de materialismo pedagógico e de monopólio educativo do Estado, anulador de todos os direitos naturais de Deus, da Igreja e da Família na educação" (DEVER CULTURAL, 1932).

Por colocarem o poder público como responsável direto pela educação escolar, os educadores escolanovistas elevaram o Estado à posição de educador por excelência, relegando a família ao patamar de simples instância de cooperação na educação das crianças, diziam os católicos. Tal absolutismo pedagógico contemplava unicamente o profissionalismo mecânico, restando à instituição familiar simplesmente completar a obra do Estado, nada mais (PEDANTISMO PEDAGÓGICO, 1933). Os "pioneiros da pedagogia nova nada mais seriam do que os pregadores, conscientes ou inconscientes da pedagogia comunista" (Athayde, 1932a, p. 318). Suas bases filosóficas, o materialismo biológico e o sociologismo evolucionista, atribuíam ao Estado o direito absoluto de moldar a inteligência e o caráter de cada cidadão.

Assim, as propostas dos educadores escolanovistas eram percebidas pelos católicos como oriundas de dois veios históricos. De um lado, como já vimos, o avanço dos ideais republicanos. De outro, a influência do comunismo soviético. Em ambos, era marcante a presença do laicismo, cuja penetração no terreno educacional devia ser amplamente combatida. Para impedir que os males liberais levassem a burguesia materializada à filosofia comunista na esfera da educação, era preciso envidar esforços para a recristianização das massas e das elites, devendo os católicos combater fortemente no plano cultural (DEVER CULTURAL, 1932).

Um dos recursos adicionados à crítica da Escola Nova – em seu ímpeto modernizador e supostamente comunista – era a apresentação dos

problemas enfrentados por certos países. Todas as crises sociais vividas pela França, inclusive as perseguições religiosas, eram mostradas como decorrentes do ensino objetivo, materialista, utilitário, tal qual os escolanovistas buscavam implantar no Brasil (A CRISE DE ESPÍRITO, 1930). A imagem da França era de absoluto arrependimento por não ter repudiado o espírito modernista pedagógico, tornando-se um país anti-cristão:

> Quando se replicava aos trombeteiros do ensino leigo, que eles necessariamente arrastariam a incredulidade e a imoralidade nos meios infantis, quanta gente, mesmo bons católicos, acreditou que havíamos exagerado nessa afirmação. Agora, que podem apreciar os resultados desse ensino, após um século de sua aplicação, vê-se quanta razão assistia aos seus impregnadores: a escola pública tornou-se escola de sectarismo anticristão. (O ENSINO NA FRANÇA, 1932, p. 146)

Por sua ênfase em elevar a ciência ao primeiro patamar social, e por adotar a Estatística para dirigir as políticas públicas, os Estados Unidos tornaram-se uma nação tecnocrática em que a economia e a educação inspiravam-se na máquina (Oliveira, 1933). No México, a renovação pedagógica teria deixado dois milhões de crianças fora da escola (FRUTOS DO LAICISMO ESCOLAR NO MÉXICO, 1933).

Grande destaque era dado à Rússia – como usualmente *A Ordem* denominava a União Soviética. Tratava-se de uma nação sofredora, plena de conseqüências pela falta de Cristo, onde tudo era utilizado como instrumento para a tirania do ditador, motivo pelo qual não devia servir de exemplo para um país cristão como o Brasil (A HIPOCRISIA BOLCHEVISTA, 1930).

> A campanha anti-religosa, desenvolvida na Rússia com o advento do soviet e intensificada nestes últimos tempos por Staline, dia a dia ultrapassa tudo quanto já se tem concebido em matéria de sacrilégio. (AS INFÂNIAS DA RÚSSIA COMUNISTA, 1931, p. 126)

Os brasileiros não podiam admirar nada que viesse da Rússia, nem mesmo as poucas catedrais existentes em Moscou, pois seus olhos deviam voltar-se só para os princípios religiosos do Brasil, para a luta em prol da grande restauração do sentimento católico no país (Backheuser, 1931). A Rússia significava o fim da liberdade cristã, fim da família e do cristianismo (Muckermann, 1933). Quem admirasse um país comunista devia ser considerado um indivíduo sem Deus (SEÇÃO UNIVERSITÁRIA, 1933).

A história da educação russa nos últimos anos era dada como cabal demonstração das conseqüências do "naturalismo pedagógico": a aniquilação dos princípios religiosos da sociedade (Van Acker, 1933c). A manutenção da vida dos soviéticos era ironicamente apontada como um mistério, já que não possibilitava qualquer condição de dignidade (PORQUE AINDA VIVEM OS SOVIÉTICOS, 1932): lá faltava escola, professor, comida e água para a população (D'Herbigny, 1932).

> Os soviéticos em relação ao ensino têm maltratado tempo e dinheiro em experiências sem ter logrado estabelecer, de modo definitivo, as linhas mestras da sua orientação pedagógica, que estimula o individualismo e os instintos capitalistas. (OUTRA RETIFICAÇÃO PEDAGÓGICA DOS SOVIÉTICOS, 1933, p. 917)

John Dewey e o comunismo

As críticas ao comunismo feitas em *A Ordem* emolduravam as referências a alguns educadores brasileiros. Segundo os católicos, Fernando de Azevedo seguia, consciente ou inconsciente, uma ideologia semelhante à marxista, na qual "a técnica é a atividade reguladora de todos atos humanos". Após visitar os Estados Unidos e manter contato com o pensamento de John Dewey, Anísio Teixeira "teria se tornado um inimigo de Deus e pregador do laicismo" (PEDANTISMO PEDAGÓGICO, 1933), confirmando seu ateísmo no livro *Educação Progressiva*, derivado da filosofia errônea e sedutora daquele filósofo (Câmara, 1933).[5] Por não serem materialistas como os liberais, os católicos não deviam identificar-se com o retrato do Brasil desenhado por Anísio Teixeira (Van Acker, 1934b).

Na revista *A Ordem*, as referências a John Dewey distribuíam-se em duas categorias. Em certos momentos, Dewey era mostrado como filósofo comunista e perigoso, tendo exercido nefasta influência sobre os brasileiros. Em outros, seus princípios filosóficos eram apresentados como pertencentes ao catolicismo há séculos. Nessa última abordagem, o livro *The Schools of Tomorrow*, publicado em 1915, era comparado ao *Ratio Studiorum* dos Jesuítas, no que tange à proposta de disciplinamento dos educandos por meio da educação. Na aludida obra, Dewey

> funda a disciplina sobre a força, embora de maneira aveludada, porém em vez de invocar a Deus, o autor de toda autoridade, inova apenas a necessidade social da natureza humana, e o

[5] O livro de Teixeira foi publicado em 1934, sendo que o artigo de Câmara data, curiosamente, de 1933. A partir de 1967, *Educação Progressiva* recebeu o título *Pequena Introdução à Filosofia da Educação*.

> interesse que tem a humanidade naquela disciplina. (Torrend, 1932, p. 26-27)

Todo o prestígio obtido por Dewey com sua obra devia-se aos estudos dos Jesuítas, por ele tão-somente inovados mediante a exclusão dos fundamentos cristãos. Segundo os católicos, uma análise mais detida dos pensadores modernos – como Dewey, Durkheim, Kerchensteiner e Krieck – revelaria facilmente que suas idéias educacionais já haviam sido realizadas há tempos pela Igreja Católica.

> O lado cristão das idéias é retirado pelos pensadores considerados modernos, mas seus planos continuam os mesmos: no catolicismo é de fato a comunidade que educa, para ela a educação é dever essencial da comunidade, a escola é a socialização dos alunos cuja disciplina formadora e fundamental é de natureza supra-individual. (Oliveira, 1932, p. 427)

Nessa mesma linha de argumentação, o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* de Lourenço Filho, publicado em 1930, era analisado com o intuito de evidenciar que a pedagogia nova não continha nenhuma base filosófica educacional – e, se continha, não era moderna, pois os católicos já a tinham formulado séculos antes (Correia, 1931). No Brasil, Anchieta fora o verdadeiro precursor da Escola Nova, "no que ela tem de inteligente e bom, que é a alegria, a liberdade, a vida do ensino, sem a natureza compulsória da escola racionalista":

> Anchieta ensinava pelos cantos e pelas danças, pelos autos físicos e pelas aulas ao ar livre. E não precisou do filósofo Dewey ou do pedagogo Ferrière para descobrir o que lhe ensinava seu coração de homem e sua vida de santo, em comunhão última com a natureza inanimada e com as almas dos seus discípulos do novo mundo, filhos de Cristo. (Athayde, 1934, p. 262)

Essa abordagem, que situava Dewey e outros pensadores como meros propagandistas do laicismo, simples copistas deturpadores do pensamento católico, integrava uma ampla discussão sobre o posicionamento da Igreja diante da modernidade, em especial frente aos progressos científicos, as novas filosofias e a educação baseada na ciência. Em *A Ordem*, diversos autores analisaram os eventuais benefícios do diálogo entre a crença religiosa e os progressos da sociedade moderna (Karam, 1930; Correia, 1930; Almeida, 1930; Torres, 1933; Mendes, 1933; Pinto, 1931; Quental, 1934), sendo que a posição predominante afirmava a

supremacia das revelações obtidas por intermédio da verdadeira filosofia – a filosofia católica.

Assim, as idéias apresentadas pelo escolanovismo sob o rótulo de modernas consistiam em noções católicas antigas, as quais esperavam condições favoráveis para passarem ao domínio da aplicação (Santos, 1930). Revelava-se aí o segredo da longevidade da Igreja, uma instituição permanentemente em busca do bem comum para a humanidade, capaz de sobreviver a circunstâncias sociais diferentes adequando-se às diversas circunstâncias da realidade (Moraes, 1930).

Santo Agostinho fora o responsável pelos primeiros e fundamentais estudos sobre a psicologia infantil, agora apregoados pelos escolanovistas como modernos instrumentos do processo educacional. Mas toda a modernidade agostiniana não era suficiente para que os católicos aceitassem o Pragmatismo Filosófico (Maritain, 1930), corrente à qual filiava-se John Dewey, seguido por muitos educadores brasileiros. Essa e outras vertentes filosóficas até poderiam ser aceitas e incorporadas ao pensamento cristão, desde que mantido o preceito maior em que reza o exame crítico de suas idéias à luz dos ensinamentos católicos (Van Acker, 1933b).

Esse era o raciocínio que levava os católicos à crítica das posições deweyanas supostamente identificadas com o comunismo – a primeira categoria discursiva, acima mencionada. Fazia-se necessário admitir certas formulações educacionais da Escola Nova, e de John Dewey, em particular, uma vez que coincidiam com os ensinamentos católicos, mas era preciso, ao mesmo tempo, proceder ao expurgo de suas considerações ofensivas ao cristianismo e aos interesses institucionais da Igreja.

A principal crítica à pedagogia de Dewey era voltada à sua intenção de compreender e educar o indivíduo exclusivamente no plano social, no que se assemelhava às propostas de Rousseau (Van Acker, 1933c). A educação rousseanista considerava que o educando tende, por natureza, para o bem e a perfeição humana, responsabilizando a indesejável intervenção da sociedade pelos eventuais desvios nessa trajetória.[6] Sua influência na pedagogia moderna teria levado à crença de que, mudando a ordem social, é possível colocar o indivíduo no caminho do bem.

A proposta de conduzir a educação por meio de finalidades sociais dava margem a que os católicos identificassem as idéias de John Dewey com o comunismo, identificação agravada pelo fato de a União Soviética ter simpatizado com sua filosofia educacional em certa época. Disseminados entre os educadores brasileiros, o pragmatismo deweyano e a pedagogia

[6] Para Anastácio (1930), o erro da filosofia de Rousseau era educar o indivíduo fora da sociedade para levá-lo a viver em sociedade; para Van Acker (1931), Dewey era defensor de um socialismo exagerado; Casasanta (1933) via Rousseau e Dewey como falsos educadores que não vivenciavam suas teorias.

norte-americana conduziam ao estabelecimento da preparação profissional como finalidade única da escola (Van Acker, 1933c).

Repercutindo a visita de Dewey à União Soviética, ocorrida no final dos anos de 1920, os autores católicos denunciavam sua atitude de propagandista do regime soviético, incoerente por ele ser norte-americano (Lacombe, 1932) e, concomitantemente, sustentar que o comunismo representava importante contribuição para a experiência social da humanidade, caminho seguro para a sociedade democrática almejada (Van Acker, 1933c). Para os católicos, Dewey estava errado, pois o mundo não precisava dos experimentos soviéticos para chegar ao verdadeiro humanismo cooperativo. Para isso, bastava seguir "a escola nova de Cristo, mais experimental e progressista do que a socialização reformadora liberal-comunista" (idem, p. 739).

Conclusões

Os posicionamentos críticos dos autores católicos frente a John Dewey, vistos neste trabalho, devem ser compreendidos mediante o conflito entre a Igreja e o movimento escolanovista no início dos anos de 1930, o qual abarcava divergências de natureza filosófica e, também, institucional. De um lado, os católicos argumentavam que as novas concepções afrontavam diretamente os princípios filosóficos e educacionais por eles adotados. De outra parte, em plano menos elevado, essa mesma argumentação expressava profundo descontentamento com a crescente ameaça à hegemonia da Igreja no âmbito da ordem social e, em particular, no terreno da escolarização formal. A separação entre Igreja e Estado trazida pela República atingira diretamente os interesses políticos católicos, o que era agravado pelas proposições escolanovistas contrárias ao ensino religioso e favoráveis ao controle do sistema escolar pelos poderes públicos.

Para os católicos, o ponto nevrálgico do escolanovismo não estava em suas proposições especificamente pedagógicas – ensinar por métodos ativos e respeitar as características psicológicas dos educandos, por exemplo. Essas diretrizes sequer eram vistas como verdadeiras novidades ou como contrárias à orientação da Igreja, uma vez que teriam origem em pensadores autorizados. O que os autores veiculados em *A Ordem* enfaticamente negavam era a pretensão de fundar doutrinas escolares em técnicas e meios educativos que deixavam de lado a definição de finalidades educacionais ancoradas na essência espiritual do ser humano. Desse modo, o eixo do discurso católico articulava-se em torno do laicismo, identificado tanto nos ideais republicanos quanto no movimento escolanovista.

Tópico essencial da argumentação católica, laicismo significava, no plano filosófico, negação de verdades imutáveis e pré-estabelecidas. No plano educacional, implicava definir os fins educativos unicamente com base no respeito às necessidades sociais – por definição, mundanas, momentâneas e materialistas. A discórdia pedagógica centrava-se na adoção da ciência, em detrimento de uma determinada filosofia – a filosofia católica, evidentemente –, como norteamento das práticas escolares. A acusação de laicismo traduzia, enfim, profundas divergências sobre o significado do ser humano e de sua inserção no mundo.

Compreende-se, assim, a razão pela qual os católicos caracterizavam a Escola Nova como propagadora de ideais comunistas, pois, em seu raciocínio, comunismo era sinônimo de laicismo. Se o regime soviético fazia prevalecer a negação de Deus e conduzia a vida humana segundo determinações materiais da sociedade, relegando a último plano todos os valores espirituais, então a Escola Nova era comunista, inclusive porque defendia o controle do Estado sobre o aparato escolar. Sendo comunista, sua pretensão de fornecer parâmetros para a educação brasileira devia ser frontalmente combatida para que o Brasil não viesse a tornar-se outra União Soviética, o que traria sensível desvantagem para os interesses políticos e institucionais da Igreja.

É preciso reconhecer a força desse discurso perante a opinião pública, notadamente na situação do Brasil nos primeiros tempos da década de 1930, época marcada pela fragilidade do governo Vargas frente a movimentos sociais de variados matizes, desde o nacionalismo integralista até a crescente presença dos comunistas na vida nacional. A proposta de laicização do ensino apresentada pelos liberais brasileiros, consolidada em 1932 no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, representava, do ponto de vista dos católicos, a descristianização do país e a falência da formação espiritual da população, bem como a consumação do estatismo soviético contra as instituições privadas de ensino.

Para dar maior efetividade a esse combate, o discurso católico coligava dois movimentos históricos incongruentes: o liberalismo do século XIX e início do século XX, cuja perspectiva era a valorização da iniciativa individual mediante menor presença do Estado na vida social, era associado ao estatismo soviético. Tal paradoxo explica-se pelo fato de os intelectuais católicos posicionarem os liberais brasileiros em duas categorias distintas. Na primeira, os defensores do liberalismo não percebiam as conseqüências políticas de suas iniciativas, sendo mostrados como "inconscientes" de que o estatismo que propalavam, enquanto se diziam liberais, era uma via para o comunismo. Na segunda, tratava-se apenas de comunistas convictos, maldosamente ocultados sob o manto inofensivo do liberalismo.

No quadro em que o laicismo desempenha papel preponderante como recurso discursivo, as discordâncias dos católicos com John Dewey podem ser plenamente compreendidas. O pensador norte-americano não podia ser criticado no plano estrito dos procedimentos pedagógicos por ele sugeridos, por serem meras cópias de ensinamentos autorizados, como diziam os católicos. Mas a polêmica tornava-se fértil na esfera mais ampla de suas concepções filosóficas e filosófico-educacionais. Nesse campo, o descontentamento dos católicos encontrava amparo, pois Dewey realmente converge suas idéias para a recusa da filosofia como "o último e mais elevado termo da contemplação pura" (Dewey, 1959b, p. 121), guardiã da Verdade eterna e imutável, condutora da humanidade em direção a finalidades transcendentais. A filosofia deweyana é uma reflexão sobre a experiência humana no mundo real, um mundo constantemente em transformação, "tão múltiplo e extenso que não há possibilidade de o sintetizar e condensar em nenhuma fórmula" (idem, p. 86).

Para Dewey, a transcendência do ser humano reside em sua qualidade de ser integrante de um mundo mutável e inconstante, o que somente pode ser apreendido, no terreno escolar, por uma pedagogia amparada nos conhecimentos científicos. A proposta educacional deweyana destaca a relevância de métodos de ensino capazes de captar o educando como ser social e psicológico inserido em determinada circunstância ambiental, em oposição a fórmulas que buscam caracterizá-lo como ser transcendental definido no plano da sabedoria divina. Em oposição à visão educacional católica, Dewey considera que as finalidades da educação não devem ser definidas mediante a pressuposição de fins exteriores à atividade do educando, "fins estranhos ao aspecto concreto da situação, fins derivados de uma fonte externa" (Dewey, 1959a, p. 112), como se fosse possível determinar aprioristicamente a "verdadeira" destinação do ser humano.

Assimilada por boa parte dos renovadores brasileiros, a visão de mundo e de educação defendida por Dewey contribuía para caracterizar o movimento escolanovista brasileiro como laicista e, mais ainda, comunista. Os católicos posicionavam Dewey na categoria dos ideólogos comunistas acobertados pelo manto do liberalismo, recurso argumentativo que encontrava apoio em certos fatos, por um lado, mas revelava falácia ou desconhecimento, por outro. Os fatos dizem respeito à simpatia dos soviéticos pelas teses educacionais deweyanas nos primeiros anos do período revolucionário e também à simpatia de Dewey pelas experiências educacionais soviéticas, com as quais teve contato no ano de 1928 (Brickman, 1971). Suas elogiosas considerações foram relatadas em vários artigos na imprensa dos Estados Unidos, depois publicados no livro *Impressions of Soviet Rússia* (Dewey, 1929).

O que os católicos não mencionavam era a recusa de Dewey pelas fontes teóricas do comunismo, bem como pelas práticas políticas soviéticas. Seu posicionamento diante desses temas foi claramente exposto nos ensaios *Liberalismo e Ação Social* e *Liberdade e Cultura* (Dewey, 1970), nos quais reafirma sua fé no ideário liberal, desde que revisto pela crítica ao *laissez-faire*, e indica suas discordâncias com Marx e com o regime em vigor na URSS (Cunha, 2001). Os referidos ensaios datam, respectivamente, de 1935 e 1939, sendo posteriores, portanto, à época analisada no presente estudo. Os católicos brasileiros não podiam conhecê-los, é verdade, mas, ao lançarem mão dos relatos de Dewey sobre a União Soviética, deviam saber que em *Impressions of Soviet Russia* o autor já exibe discordância quanto a determinados fundamentos do comunismo, como a luta de classes e a revolução por meio da violência.[7] Tais divergências constituem a base de sua crítica ao marxismo e às políticas soviéticas, expostas de modo mais detido, mais tarde, nos escritos em que reafirma sua crença nos ideais liberais como único caminho para a democracia.

Não é objetivo do presente estudo afirmar que os católicos brasileiros tenham agido de má-fé ao retratarem o pensamento político de Dewey da maneira como o fizeram na época, pois seu equívoco pode ser atribuído à falta de conhecimento pleno das fontes que tomaram para caracterizá-lo. Ao que parece, ao invés de analisar diretamente os escritos deweyanos da época, os intelectuais católicos simplesmente repercutiram as acusações de determinados setores da opinião pública norte-americana, segundo as quais o filósofo pragmatista revelara-se um pensador "vermelho" após sua vista à URSS (Brickman, 1971).

O certo é que interpretações errôneas são muito freqüentes em contextos que conjugam divergências intelectuais com interesses institucionais. Nesse caso, simples enganos podem assumir o aspecto de falácias. E o contexto em que se manifestava o discurso católico analisado neste trabalho continha as fortes cores de um combate pelo controle político do mundo ocidental. No início da década de 1930, Tristão de Athayde já indicava o teor do problema:

> O momento que vivemos é justamente um daqueles em que a resposta se impõe, não apenas em palavras mas em atos. Ou a América Católica mostra que pode marcar o século XX, como a América Protestante marcou o século XIX, ou então continuaremos de renúncia em renúncia até sermos presa das

[7] No referido livro, Dewey (1929, p. 130-131) escreve: "The phase of Bolshevism with which one cannot feel sympathy is its emphasis upon the necessity of class war and of world revolution by violence".

> forças do mammonismo[8] ou do anticristianismo que se jogam contra a civilização cristã e a Igreja de Cristo, no século XX, como os árabes, os turcos e os tártaros na Idade Média ou no começo da Idade Moderna. (Athayde, 1931, p. IV)

Referências Bibliográficas

AGONIA BURGUESA. **A Ordem,** Rio de Janeiro, ano 11, n. 13, p. 129-135, mar. 1931.

ALMEIDA, Lacerda. Ensaio de filosofia mística: Santa Ângela de Folígno. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 8, p. 31-50, ago. 1930.

ANASTÁCIO, Luiz Amoroso. A base familiarista da sociedade. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano10, n. 9, p. 156-159, out/ 1930.

ANÍSIO, Pedro. A quem pertence a Educação. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 45/46, p. 811-820, nov/dez. 1933.

ATHAYDE, Tristão de. Palavras aos companheiros. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 9, p. 97-102, out. 1930.

ATHAYDE, Tristão de. **Debates Pedagógicos**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

ATHAYDE, Tristão de. Absolutismo Pedagógico. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 26, p. 317-320, abr. 1932a.

ATHAYDE, Tristão de. Instituto Católico de Estudos Superiores. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 28, p. 415-425, jun. 1932b.

ATHAYDE, Tristão de. O problema pedagógico. **Educação**, São Paulo, v. 7, n. 4/5, p. 74-81, abr./maio 1932c.

ATHAYDE, Tristão de. Palavras de um padre novo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 39/40, p. 426-431, maio/jun. 1933.

ATHAYDE, Tristão de. A comemoração de Anchieta. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 50, p. 257-264, abr. 1934.

BACKHEUSER, Everardo. Os dois pólos da Terra. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 14, p. 216-222, abr. 1931.

BRICKMAN, William W. Actitudes del Estado Soviético hacia John Dewey considerado como educador. In: LAWSON, Douglas E. & LEAN, Arthur E. (Orgs.) **John Dewey**: visión e influencia de um pedagogo. Buenos Aires: Nova, 1971.

BUFFA, Ester. **Ideologias em conflito**: escola pública e escola privada. São Paulo: Cortez & Moraes: 1979.

[8] A palavra empregada por Athayde vem do aramaico *mammon* e designa riqueza, em sentido pejorativo, dinheiro que escraviza o mundo.

CÂMARA, Helder. Educação Progressiva. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 41/42, p. 544-549, jul/ago. 1933.

CAMPOS, B. R. Ensino Primário no Brasil. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 26, p. 258-264, abr. 1932.

CANNAVIEIRAS, Tenório. As nossas responsabilidades na hora que passa. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 15, p. 283-285, maio 1931.

CARNEIRO, Fernando. Catolicismo e comunismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 41/42, p. 576-580, jul/ago. 1933.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. Usos do impresso nas estratégias católicas de conformação do campo doutrinário da pedagogia (1931-1935). In: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, 16, 1993, Caxambu. **Anais**... Caxambu. Anped, 1993.

CASASANTA, Mario. Dom Bosco, educador. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 43 /44, p. 675 - 701, set/out. 1933.

A CRISE DE ESPÍRITO. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 5, p. 63-74, fev. 1930.

CELSO, C. A. O catecismo da doutrina católica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 27, p. 328-339, maio 1932.

CORREIA, Alexandre. O natural e o sobrenatural em Santo Agostinho. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 9, p. 112-123, out. 1930.

CORREIA, Alexandre. Filosofia da Escola Nova. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 14, p. 203-215, abr. 1931.

CUNHA, Marcus Vinicius da. A presença de John Dewey na constituição do ideário educacional renovador. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 30, p. 77-91, dez. 1999.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey**: a utopia democrática. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1988.

DEWEY, John. **Impressions of Soviet Russia and the Revolutionary World**: exico-China-Turkey. New York, New Republic, 1929.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3ª. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959a.

DEWEY, John. **Reconstrução em filosofia.** 2ª. ed. Trad. António Pinto de Carvalho. São Paulo: Nacional, 1959b.

DEWEY, John. **Liberalismo, Liberdade e Cultura**. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, Edusp, 1970.

D'HERBIGNY. Uma campanha soviética contra o igualitarismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 25, p. 234-236, mar. 1932.

DEVER CULTURAL. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 26, p. 241-246, abr. 1932

DIAS, Romualdo. **Imagens de ordem**: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922-1933). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

O ENSINO NA FRANÇA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 30, p. 145-150, ago. 1932.

ESCOLA LAICA E SUAS DEFINIÇÕES. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 39/40, p. 447-468, maio/jun. 1933.

ERRERIAS, Cláudio Antônio Christante. **Catolicismo e educação na década de 1930**: o escolanovismo de Everardo Backheuser. Araraquara, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

FORTES, Herbert Parentes. Uma questão de sociologia brasileira. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 20, p. 228-236, out. 1931.

FRUTOS DO LAICISMO ESCOLAR NO MÉXICO. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 45/46, p. 883-928, nov/dez 1933.

HARGREAVES, H. J. Separatismo espiritual. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 27, p. 340-349, maio 1932.

A HIPOCRISIA BOLCHEVISTA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 6, p. 176-177, abr. 1930.

HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: regime autoritário e a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

AS INFÂMIAS DA RÚSSIA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 11. n. 12, p. 126, fev. 1931.

KARAM, Francisco. Preconceitos contra a igreja. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 5, p. 18-21, fev. 1930.

LACOMBE, L.J. Alfabetização ou escola do trabalho. **A Ordem**,Rio de Janeiro, ano 13, n. 25, p. 189-192, mar. 1932.

MARITAIN, Jacques. Sobre a sabedoria Agostiniana. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 9, p. 138-146, out. 1930.

MATTOS, Xavier. Psicologia Educacional. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 41/42, p. 501-509, jul/ago. 1933.

MENDES, Oscar. O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista católico. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 23, p. 31-45, jan. 1932.

MENDES, Oscar. Ciência e religião. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 43/44, p. 745-749, set/out. 1933.

MOBILIZEMO-NOS. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 34, p. 403-406, dez. 1932.

MORAES, J.M. Um movimento moderno. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 8, p. 92-96, ago. 1930.

MUCKERMANN, Frederico. Por que tanta frouxidão no combate ao bolchevismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 35, p. 9-21, jan. 1933.

NOGUEIRA, Hamilton. Problemas de política objetiva: Alberto Torres e Oliveira Vianna. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 6, p. 114-124, abr. 1930.

NORTE-SUL. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 27, p. 321-327, maio 1932.

OLIVEIRA, Barbosa. A pedagogia católica e o ensino do catecismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 34, p. 425-431, dez. 1932.

OLIVEIRA, Lourenço. Tecnocracia. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 41/42, p. 588-593, jul/ago. 1933.

OLIVEIRA, P. C. A Igreja e a República. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 25, p. 182-188, mar. 1932.

OUTRA RETIFICAÇÃO PEDAGÓGICA DOS SOVIÉTICOS. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 45/46, p. 883-928, nov/dez. 1933.

PEDANTISMO PEDAGÓGICO. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 36, p. 83-85, fev. 1933.

PINTO, H. Sobral. A dura realidade. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 10, p. 222-231, dez. 1930.

PINTO, H. Sobral. A igreja e a política. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 72-81, fev. 1931.

O PLEITO DE 3 DE MAIO. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 39/40, p. 323-327, maio/jun. 1933.

PORQUE VIVEM AINDA OS SOVIÉTICOS. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 26, p. 303-308, abr. 1932.

QUENTAL, Barbosa. Discurso na abertura dos cursos do Instituto Católico de Estudos Superiores. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 52, p. 491-494, jun. 1934.

RAZÃO DE INQUIETAÇÃO E DE ESPERANÇA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 47, p. 1-9, jan. 1934.

SÁ, Paulo. Posições católicas e o problema social. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 51, p. 372-380, maio 1934.

SANTOS, Lúcio José. Santo Agostinho: suas idéias em pedagogia e psicologia. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 9, p. 103-112, out. 1930.

SEÇÃO UNIVERSITÁRIA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 41/42, p. 620-627, jul/ago. 1933.

SEMEADORES DE VENTO. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 43/44, p. 791-794, set/out. 1933.

SGARBI, A. D. **Igreja, educação e modernidade na década de 30**: escolanovismo católico – construído na CCBE, divulgado pela Revista Brasileira de Pedagogia. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUZA, José Pedro Galvão. Sobre o ressurgimento da escolástica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 30, p. 95-101, ago. 1932.

SUCUPIRA, Luis. Imprensa Católica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 36, p. 110-119, fev. 1933.

O SUICÍDIO DA BURGUESIA. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 65-68, fev. 1931.

TORREND, C. A crise atual. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 23, p. 9-30, jan. 1932.

TORRES, José. Idéias transformistas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 43/44, p. 705-721, set./out. 1933.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **O liberalismo demiurgo**: estudo sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

VAN ACKER, Leonardo. Filosofia Pedagógica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 8, p. 12-27, ago. 1930.

VAN ACKER, Leonardo. De Hovre e a filosofia da educação. A Ordem, Rio de Janeiro, ano 11, n. 15, p. 263-269, maio 1931.

VAN ACKER, Leonardo. Sociologia ou Socialismo. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 35 p. 22-29, jan. 1933a.

VAN ACKER, Leonardo. Uma história monumental da pedagogia moderna. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 41/42, p. 611-614, jul./ago. 1933b.

VAN ACKER, Leonardo. A lição da moderna pedagogia russa. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 43/44, set./out. 1933c.

VAN ACKER, Leonardo. Educação nacional e ação católica. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 47, p. 20-25, jan. 1934a.

VAN ACKER, Leonardo. Reflexões sobre um debate atual que não existe. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 49, p. 177-185, mar. 1934b.

Marcus Vinicius da Cunha é Pesquisador do CNPq, Professor-Adjunto do Departamento de Psicologia da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara (SP).
Endereço para correspondência:
Rua Breno Vieira de Souza, 377 – Cep 14090-620 – Ribeirão Preto – SP
e-mail: mvcunha@yahoo.com

Viviane da Costa é Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Araraquara (SP), bolsista IC/FAPESP.
Endereço para correspondência:
Avenida Altino Correa Moraes, 490 – Cep 14801-080 – Araraquara – SP.
e-mail: vidacosta@bol.com.br